

QUESTÕES FUNDAMENTAIS DA EDUCAÇÃO SEGUNDO KANT: O EDUCANDO E A BUSCA DE SUA SUBJETIVIDADE.

FUNDAMENTAL ISSUES OF EDUCATION ACCORDING TO KANT: THE STUDENT AND THE PURSUIT OF THEIR SUBJETIVITY

Rosilene de Oliveira Pereira¹

Regina Coeli Barbosa Pereira²

Resumo

Há de se pensar a educação tendo como sujeito do processo educativo, o homem que goza de liberdade plena para criar a si próprio, delinear o seu destino e o da sociedade onde está inserido. A tarefa do educador é a de fortalecer uma idéia de sujeito que possibilite a conquista da subjetividade. Uma educação que valorize a busca da autonomia em que o indivíduo procura dar regras a si próprio. A educação do homem se constitui em instrumento de sua humanização. É preciso aprender a pensar para que se possa orientar-se pelo próprio pensamento, pois é só decidindo sua própria orientação que o homem se torna livre e se faz sujeito de seu próprio ser. O homem é aquilo que a educação faz dele. Para educar é preciso que já se tenha sido educado, que se comprometa com a espécie humana para um estado futuro melhor da humanidade. É o próprio homem, por meio da educação, que faz desabrochar em si sua liberdade. O homem não pode ser livre senão por meio da educação, a fim de que possa desenvolver sua razão. A consciência reflexiva deve ser estimulada a fim de que o educando possa refletir sobre sua própria realidade. Uma educação que procura propiciar ao educando a compreensão da realidade liberta-o ao invés de submetê-lo. Ao propiciar ao educando a tomada de consciência da situação, o educador oferece-lhe instrumentos capazes de desvelar a realidade, ao mesmo tempo que permite-lhe substituir a consciência ingênua pela consciência crítica.

Palavras-chave: Educação; Subjetividade; Kant; Educador.

Abstract

Education need to be thought as a subject of the educational process, of the man who enjoys full freedom, of the destiny's outlining and of the society where the man is insert. The task of the educator is to strengthen an idea of the subject that enables the achievement of subjectivity. An education that values the pursuit of autonomy in which the individual seeks to rules himself. It needs to be learnt how to think, then it is possible the orientation through the own thoughts, since it is only deciding their own guidance that man becomes free and becomes a subject of his own being. Man is what education makes of him. To educate is necessary to have being educated before and being committed with the human species for a better humanity future. It is the man himself, through education, which pours itself freedom. Man can not be free but using education, so they can develop their reason. Reflective consciousness should be encouraged so the student can reflect on their personal reality. An

¹ Professora Doutora da Universidade Federal de Juiz de Fora; Juiz de Fora; Brasil.
rosilene@powerline.com.br

² Professora Doutora da Universidade Federal de Juiz de Fora; Juiz de Fora; Brasil.
reginacoelibarbosa@hotmail.com

education that seeks to provide the student the understanding of reality frees him instead of submitting it. By providing the student an awareness of the situation, the teacher offers instruments capable of revealing the reality, and at the same time allows the replacement of a naive consciousness by a critical one. True knowledge can only be produced if founded on freedom, on desire and on the proper individual actions.

Keywords: Education; Subjectivity; Kant; Educator.

Não é possível pensar a educação senão pensando o homem como sujeito do processo educativo. Sua vocação ontológica é de ser sujeito e neste sentido só pode ser encarado como um ser ativo, dinâmico, coparticipante do processo de sua formação.

O homem não nasce com o destino pré-determinado, mas é responsável por seu “fazer-se homem”, porque goza de liberdade plena para criar a si próprio, delinear o seu destino e o da sociedade onde está inserido.

É preciso considerar o homem do ponto de vista de sua educabilidade, de seu aperfeiçoamento, no seu vir-a-ser constante. Sua educação deve ser um processo consciente de tomada de decisões para que possa fazer uso pleno de suas potencialidades.

O homem precisa de uma educação que lhe propicie o reencontro com sua própria natureza; uma educação do homem e não apenas do educando, em situação escolar. Isso exige uma ruptura, uma desestruturação e reestruturação não só dos modos de pensar a educação, mas o estabelecimento de novos interesses, de novos valores. Este não é um processo natural nem espontâneo, mas que requisita esforço e determinação; confiança plena na capacidade do ser humano; competência do educador para que possa orientar, abrir perspectivas, mobilizar forças que vão impulsionar tal processo.

A educação em Paulo Freire deve realizar-se como prática da liberdade. Os caminhos da libertação só comporta sujeitos livres e a prática da liberdade só pode se concretizar numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. A hominização é um processo que vai além da adaptação do homem ao meio, pois requisita a intencionalidade de sua consciência para que possa transcender, criar e modificar o mundo e a si próprio.

O homem precisa aprender a dizer a sua palavra, o seu pensar, pois só assim assume sua essencial condição humana. A partir do momento que perde a capacidade de optar e se submete às determinações alheias, agindo pelas decisões de outrem, ele não se integra, mas acomoda-se. O homem integrado é o homem sujeito, capaz de determinar suas ações com base na racionalidade. A libertação exige respeito à subjetividade humana. Este é o maior

compromisso histórico que a educação deve ter para com o homem, isto é, permitir-lhe participar de uma práxis libertadora.

A subjetividade é a grande conquista do homem. A tarefa do educador prima por fortalecer uma ideia de sujeito, na criação do homem por ele mesmo, possibilitando-lhe a conquista da subjetividade. A educação é o instrumento que possibilita essa conquista e neste sentido assume amplo significado, ou seja, torna-se uma “educação do homem”. É necessário que se crie condições que facilitem a aprendizagem do educando a fim de que possa liberar a sua capacidade de aprender, adquirir por si os conhecimentos.

A educação ganha nova dimensão com a mudança de ênfase no sujeito do processo educativo, pois ela não poderá mais ser baseada no domínio de livros e fórmulas, mas a partir da construção do conhecimento pelos próprios educandos. Uma educação que ofereça oportunidade para que possa tornar-se pessoas de iniciativa, de responsabilidade, de compromisso, de determinação; que sejam capazes de aplicar a nova situações os conhecimentos adquiridos; que sejam críticos e reflexivos antes de qualquer iniciativa. Esse tipo de educação valoriza a busca progressiva da autonomia em que o indivíduo procura dar regras a si próprio.

O homem precisa ser educado para usar convenientemente sua liberdade, pensar e agir crítica e reflexivamente. A educação do homem se constitui em instrumento de sua humanização, contribuindo para que seja capaz de pensar por si, descobrir, inventar e construir. É preciso aprender a pensar para que possa orientar-se pelo próprio pensamento, aperfeiçoar em si sua autonomia e constituir-se como um ser livre, pois é só decidindo sua própria orientação que o homem se torna livre e se faz sujeito de seu próprio ser.

A educação deve acontecer de forma natural, seguindo gradativamente cada etapa da vida do ser humano. Educação é vida e com ela se mistura de forma indissociável. Ao educador cabe considerar o ser em sua formação com as particularidades próprias de cada um, suas potencialidades, seu jeito de ser. Educar para a subjetividade é uma arte que requisita habilidades específicas daquele que a pratica. A arte da educação é a arte de formar homens, é um processo que se faz ao longo da vida. Por isso, o educador precisa ter consciência de suas ações, dos efeitos que podem provocar na constituição de um novo ser; precisa agir considerando este ser em formação como “pessoa humana”.

O homem é aquilo que a educação faz dele. Por isso é preciso oferecer a ele uma educação que considere sua subjetividade, seu desenvolvimento pleno como sujeito humano. Muito se poderia avançar no progresso da humanidade se ao homem fosse oferecida uma educação humanizadora, que visasse o desenvolvimento total de suas potencialidades. Por

isso, os gestores das escolas deveriam depender da decisão de pessoas competentes e comprometidas com a educação, com o saber, com o outro e com a própria humanidade. Como podem os educadores oferecerem esse tipo de educação se não foram educados nesse sentido? É necessário que o mestre apresente características que o habilitem a desenvolver uma prática transformadora. Para educar é preciso que já se tenha sido educado, que demonstre perceber o significado mais profundo da educação; que se comprometa com a espécie humana para um estado futuro melhor da humanidade (Kant, 1980).

A melhoria da humanidade deve ser o princípio norteador de toda pedagogia. O homem precisa ser educado para se constituir em um membro ativo da sociedade, ter a consciência crítica desenvolvida, usufruir de sua liberdade. Pois, é o próprio homem, por meio da educação que faz desabrochar em si sua liberdade. O homem não pode ser livre senão por meio da educação, a fim de que possa desenvolver suas disposições naturais, sua razão.

Uma pedagogia cuja ação é levar, transferir, depositar algo no educando, certamente se guiará por princípios mecanicistas que negam a subjetividade do educando. Mas uma pedagogia que busca a instauração da subjetividade deve se constituir em instrumento de humanização, tornando-se uma pedagogia humanista e libertadora.

Todas as possibilidades de conhecimento da realidade devem ser exploradas pelo próprio educando. Ele é o autor de seu pensamento e de suas ações. Assim, a verdadeira educação consiste em propiciar ao educando atuar sobre a realidade, explorar suas mais amplas possibilidades para conhecê-las, ao mesmo tempo, desenvolvendo a si próprio.

O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente diante de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns; por isso, a consciência reflexiva deve ser estimulada a fim de que o educando possa refletir sobre sua própria realidade.

O homem conhece a realidade, inicialmente, por meio da consciência ingênua, mas para que possa, realmente, conhecê-la em profundidade é preciso fazer uso da consciência crítica.

A inserção crítica do homem na história requisita que assuma o papel de sujeito que constrói o mundo e cria sua existência como este se dispõe para o homem.

Um educador precisa orientar o educando, passo a passo, no desenvolvimento de sua consciência uma vez que este ato não é espontâneo. Só assim será possível seu desenvolvimento como pessoa humana e sujeito construtor da realidade.

A consciência é desenvolvida por meio de uma educação problematizadora, cujo processo requisita a devida competência político-pedagógica do educador. É preciso saber por

que, para quem e como ensinar, ou seja, orientar o processo educativo com fins definidos, crítica e conscientemente.

A consciência crítica do educando se desenvolve, portanto, numa relação com o mundo de forma crítica. Nessa situação os educandos vão se esclarecendo acerca das dimensões obscuras da realidade e fazendo com que a antiga realidade intocável possa se desvelar e se transformar com seu poder de determinação.

Uma educação que procura propiciar ao educando a compreensão da realidade liberta-o ao invés de submetê-lo. Por isso, educar o aluno tem que ser um ato consciente, institucional, comprometido com ele e com a sociedade.

A ação humanizante do educador tem que ser de desmistificação, de conscientização sobre os mitos que enganam e que ajudam a manter o processo de dominação na sociedade.

Uma educação que considera o homem como sujeito não pode começar por aliená-lo ou mantê-lo alienado. Não aceita uma concepção mecânica de consciência e não a vê como algo a ser preenchido. Acredita que a consciência do homem é desenvolvida e reconhece a responsabilidade da educação neste processo.

Alienar o homem de suas decisões, transferi-las a outros é fazer dele objeto, é ter com ele um ato de violência do qual a educação não pode participar, pois perde seu objetivo que é a humanização do homem.

Uma educação que impõe a passividade ao educando estimula sua ingenuidade, impede sua criticidade e um pensar autêntico. Quanto mais propicia ao educando o uso do raciocínio facilita o seu engajamento à vida social de forma consciente.

Ao propiciar ao educando a tomada de consciência da situação, o educador oferece-lhe instrumentos capazes de desvelar a realidade, ao mesmo tempo que permite-lhe substituir a consciência ingênua pela consciência crítica. Derruba-se o “mito de inferioridade ontológica”. O homem deixa de reconhecer-se inferior para descobrir sua superioridade, seu valor como pessoa humana, como ser social, cultural e político. Sua experiência existencial ganha nova dimensão. Põe abaixo a postura determinista e dá ao homem a força necessária (o saber) para enfrentar qualquer desafio ou situação que o reduza à qualidade de objeto.

Um educador humanista que identifica sua ação com a do educando, que o considera sujeito de sua educação propicia um pensar autêntico e não lhe oferece como doação um saber pronto, acabado. Sua ação se baseia na crença da capacidade criadora do aluno, em sua possibilidade de transcendência. Não o considera um espectador e nem tenta domesticá-lo. Estimula sua ação.

Através de metodologias que contem com a participação ativa do educando, com o seu envolvimento na busca do saber, da descoberta da realidade, o educador propiciará ao aluno sua condição de sujeito do processo educativo e sua libertação da dependência do domínio de outrem.

O conhecimento exige uma presença curiosa, indagadora do sujeito cognoscente. A verdadeira aprendizagem requisita participação ativa do educando na busca do saber, a fim de que possa apreendê-lo, reinventá-lo e aplicá-lo a situações existenciais e concretas.

É preciso tentar superar a aquisição do conhecimento de forma preponderantemente sensível pelo uso da razão. Melhor dizendo, na busca do conhecimento, o educando deve partir do sensível para alcançar a realidade em sua essencialidade. É preciso que o educando vá até as coisas, explore-as, situe entre elas para estabelecer com elas a relação sujeito-objeto. Por isso, acredita-se que este educando deva ter a oportunidade de agir, de explorar os objetos, as situações, de fazer comparações para que possa aprender de forma autêntica e se tornar sujeito de sua educação. É preciso uma educação do interesse, da curiosidade, em oposição ao esforço artificial, a educação pela ação em vez da passividade. O objetivo do trabalho educativo deve supor sempre um propósito. Não deve ser o de ensinar muitas coisas, mas impedir que sejam adquiridas ideias que não sejam claras, fatos que não sejam compreendidos (Rousseau apud PEREIRA, 2002).

O educador deve ser um mediador na busca do saber, um indagador constante. O pensamento crítico faz com que o sujeito elabore o conhecimento. Assim, é preciso que se ensine a pensar ao invés de se transmitir ideias. O verdadeiro conhecimento só pode ser produzido se alicerçado na liberdade, na vontade e na própria ação do indivíduo. Isso faz com que a aprendizagem se torne significativa e duradoura e o aluno adquira o desejo na busca do saber e na produção do próprio conhecimento.

A liberdade é o primeiro de todos os bens e o princípio fundamental da educação. Só ela propicia ao homem a transcendência, a independência perante os outros homens. É a faculdade de se determinar a agir com base na inteligência e faz com que o homem seja sujeito de seu próprio ser. Uma autêntica educação desenvolve no educando o ímpeto de conhecer, de produzir e de criar o saber.

Kant propõe para o homem uma educação cujo princípio regulador seja a liberdade que se opõe a qualquer manipulação ou opressão; uma liberdade racional capaz de conduzi-lo na busca da sabedoria, da moralidade, da prudência, das virtudes que dotam o homem de humanidade, impedindo-lhe de exercer uma liberdade anárquica.

O homem para Kant (1980, p. 30), “não deve somente ser livre, mas também tornar-se livre, quer dizer, entrar na posse de sua liberdade, dominá-la ao invés de ser dominado por ela”.

Segundo Kant, para que o homem seja livre é preciso discipliná-lo, pois, somente a disciplina transforma a animalidade em humanidade. Sua selvageria precisa ser dominada para que ocorra sua integração na vida em sociedade. A disciplina imposta por uma educação adequada propicia a conquista da moralidade e faz com que o homem sinta a obrigatoriedade.

É preciso que se aprenda a controlar os instintos e tendências, agir com base na racionalidade, isto é, primeiro pensar para depois agir. A moralidade não é algo estabelecido a priori no indivíduo, mas precisa ser desenvolvida pela educação. No entender de Kant é preciso formar o homem no sentido moral. Para ele o homem pode ser adestrado, dirigido, mecanicamente instruído, ou ser realmente esclarecido, educado. Mas, a educação não pode lançar mão do adestramento, pois esta prática é um grande instrumento de sua desumanização. O adestramento pode contribuir na formação de indivíduos submissos, alienados, subservientes. Mas, é preciso que o aluno aprenda a fazer uso de leis, da reflexão, de sua liberdade; uma liberdade baseada em leis morais, universais.

Desde cedo é preciso ensinar o aluno a agir com base no livre-arbítrio. O arbítrio precisa ser limitado por meio de regras, de normas morais. O livre-arbítrio dá ao homem a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, a respeitar as leis morais ou aos seus impulsos. Por isso, é preciso que o educando aprenda dominar seus impulsos e inclinações para conduzir seu livre-arbítrio da forma mais satisfatória possível.

Por natureza, o homem não é um ser moral; aprende a moralidade por meio da educação. No entender de Kant (1980) a moralidade é uma conquista que se faz através da educação, mesmo para o homem mais limitado, porque a lei moral tem um brilho tão intenso que ninguém resiste ao seu fulgor. Assim, um educador deve cuidar para que a educação moral aconteça gradativamente da forma mais natural possível.

Qualquer homem tem capacidade moral, independente de sua instrução, de condição social, econômica, cultural. Esta capacidade só é possível pelo uso da razão. Por isso, a educação precisa ensinar o educando a pensar, a julgar e emitir juízos. O exercício do pensamento é imprescindível a ações morais. No entender de Kant (1980), educar não é transformar moralmente o indivíduo, mas, possibilitar-lhe a aquisição de princípios morais. Racionalidade e moralidade são fundamentos básicos na educação do homem. O uso da razão vai fazer com que não perca de vista sua posição como membro da sociedade; aprenda a limitar seus fins subjetivos, as flutuações de seu caráter, o uso de sua liberdade.

É preciso que o homem mantenha relações de amizade com seus semelhantes, pois é na relação com o outro que vai viver a liberdade, a moralidade, humanizar-se enfim. Mas, a comunicabilidade depende de um espírito “aberto” o que é propiciado pela educação. É importante trabalhar num plano de educação em que o educando aprenda a respeitar seu semelhante, tê-lo como extensão de si próprio, desejar para o outro somente aquilo que deseja para si. Conforme Kant (1980), a educação moral deverá fazer com que o ser humano se torne plenamente consciente do valor de sua vida como pessoa humana, como cidadão.

O homem deve determinar suas ações consigo próprio e com o outro considerando princípios racionais; precisa se “auto-impor” à obrigação de agir por dever, realizar constantemente uma auto-reflexão sobre os móveis de suas ações; deve abandonar a dependência de causas estranhas e agir conforme princípios impostos pela razão, tendo consciência de seu agir.

Pensar é uma exigência para a busca da subjetividade, pois somente a razão permite ao homem orientar-se e estabelecer o caminho de sua destinação. Só decidido por si próprio o homem se torna sujeito, “humano”.

AUFKLÄRUNG é o estado de esclarecimento que o homem atinge quando faz uso da razão. No entender de Kant (1980), consegue sair do estado de menoridade e por meio do discernimento participar do processo de libertação.

O pensamento crítico propicia a ultrapassagem do nível de consciência ingênua ao nível de consciência crítica, ao mundo luminoso das ideias. A liberdade de pensar supõe a liberdade de ser. A educação deve oferecer espaços e possibilidades de formação de personalidades autônomas. Pensar e comunicar seus pensamentos deve ser a tônica de uma educação libertadora. Ao educando deve ser permitido dizer a sua palavra, a sua verdade para que possa conhecer a si próprio e ao mesmo tempo ser conhecido pelo outro, construir e reconstruir o seu saber, construindo sua identidade, sua personalidade.

Uma educação que visa a busca da subjetividade não pode impor nenhum padrão de conduta, mas deve levar o educando a descobri-lo, formá-lo por si próprio, conduzi-lo de forma reflexiva, com liberdade para produzir, criar, descobrir a realidade. Exercitar a inteligência, o pensamento lógico é o maior desafio para este tipo de educação, pois envolve o uso de técnicas ativas, mobilizadoras, “vivas”, estimulantes, as quais só o sujeito cognoscente é capaz de manipular.

Rousseau foi um filósofo que deixou um grande legado para a Pedagogia ao apresentar uma nova dimensão na compreensão da subjetividade a partir dos conceitos de ação e criação; do fazer e da reflexão. Estabelece uma nova concepção de educação uma vez que ela se

mistura com a vida. Para Rousseau (apud PEREIRA, 2007), a educação se constitui em expansão das aptidões naturais e só pode acontecer por meio do desenvolvimento interno da criança, pela ação de seus instintos e inclinações e para isto é preciso deixar desabrochar o potencial inerente a cada um; criar um ambiente propício à expansão de sua vitalidade para que possa extrair de si seus talentos, dons e possibilidades.

A visão pedagógica de Rousseau reside na compreensão da educação como formação do sujeito e processo de subjetivação que se desdobra no tempo e na história. Rousseau (1980) percebe que o desenvolvimento se estende da infância à idade adulta considerando suas interações com suas diferenças próprias e específicas. Para ele, a criança não pode ser considerada um adulto em miniatura mas, um ser humano “sujeito” do seu existir, senhor de sua vontade. O educador se torna o facilitador de sua autonomia, o tradutor das leis da natureza, o mediador entre a criança e o mundo. Sua tarefa é fortalecer uma ideia de sujeito responsável por sua criação, por suas ações, eliminando qualquer tipo de dominação, de opressão de seus dons naturais.

A subjetividade é uma conquista do homem que se realiza por meio de uma educação crítica e natural. O educador é uma “peça” decisiva na busca da subjetividade do educando, com a utilização de métodos e técnicas apropriadas para realizar seu processo de humanização.

Referências

KANT, E. **Reflexions sur l’education**. Paris: J. Vrin, 1980.

_____. **Sobre a Pedagogia**. Trad. De Francisco CockFontanella. 2 ed., Piracicaba: Editora UNIMEP, 1990.

_____. **Qu’est que s’ orinterdans La pensée**. **LibrairiePhilosophique**: J. Vrin, 1983.

PEREIRA, R. de O.; PEREIRA, R. C. B. **Jean-Jacques Rousseau: fundamentos da educação**. Londrina: Humanidades, 2007.

ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou Da Educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.